

O aluno e a sala de aula em tempos de WhatsApp

The Student and the Classroom in WhatsApp Times

El estudiante y el aula en tiempos de WhatsApp

Geraldo Luiz Jantzen Simões Lopes¹

Resumo: Com o advento dos telefones móveis inteligentes – ou smartphones – chega à sala de aula um novo recurso tecnológico. Com ou sem consentimento dos docentes, esses aparelhos são presença constante e inegável. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa online, realizada a partir de questionários, que se propôs a identificar como os estudantes universitários utilizam e percebem o uso dos smartphones em sala de aula, o que veem de positivo e negativo nisso e que sugestões podem dar à comunidade acadêmica que se depara com o fato irrefutável de que se trata de algo que veio para ficar.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Sala de aula. Tecnologia. WhatsApp .

Abstract: *With the advent of smart mobile phones - or smartphones - a new technological resource arrives in the classroom. With or without the teachers' consent, these devices are a constant and undeniable presence. This paper presents the results of an online survey, conducted from questionnaires, which aimed to identify how university students use and perceive the use of smartphones in the classroom, what they see as positive and negative in this and what suggestions they can give to the academic community that faces the irrefutable fact that this is something that is here to stay.*

Keywords: *Communication. Education. Classroom. Technology. WhatsApp .*

Resumen: *Con el advenimiento de los teléfonos móviles inteligentes - o smartphones - un nuevo recurso tecnológico llega a las aulas. Con o sin el consentimiento de los profesores, estos dispositivos son una presencia constante e innegable. Este documento presenta los resultados de una encuesta en línea, realizada a partir de cuestionarios, cuyo objetivo era identificar cómo los estudiantes universitarios utilizan y perciben el uso de los teléfonos inteligentes en el aula, qué ven como positivo y negativo en esto y qué sugerencias pueden dar a la comunidad académica que se enfrenta al hecho irrefutable de que esto es algo que ha llegado para quedarse.*

Palabras-chave: *Comunicación. Educación. El salón de clases. La tecnología. WhatsApp .*

¹ Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação, Docente da Universidade Estácio de Sá (ESTÁCIO)

INTRODUCCIÓN

O tempo passa, a vida muda e vai se reconfigurando conforme a realidade que nos cerca em cada época da existência em todos os âmbitos da vida. Segundo Veen e Vrakking (2009 p. 28):

Uma das mudanças mais impressionantes é a da globalização. A globalização econômica está levando a novas formas de desenvolvimento de mercados de trabalho, forçando nossas economias a se adaptarem a novos negócios e iniciativas. De um ponto de vista social, contudo, a globalização implica que os seres humanos estejam mais conectados, que estejam ligados em rede (VEEN e VRACKING, 2009 p. 28).

As mudanças, entretanto, podem ser muito mais sutis e menos visíveis do que se pode imaginar. A leitura e a escrita, por exemplo, não foram sempre de domínio (supostamente) universal. Trata-se de atividades altamente especializadas que só podem ser dominadas depois de muitos anos de escola (LEMOS; LEVY, 2010; FERREIRO, 2001). Por muito tempo também foram ferramentas para profissões como a do escriba (FERREIRO, 2001). Por sinal, “[...] qual escriba da Mesopotâmia poderia imaginar, no nascimento da escrita há três mil anos antes da era cristã e cinco mil anos antes da web que chegaria um tempo em que a maioria da humanidade saberia ler e escrever?” (LEMOS; LEVY, 2010 p 42).

Desde a democratização da leitura e a escrita diversas inovações em comunicação facilitam a vida de um grande número de pessoas, a começar pela prensa de Gutenberg de 1450 que possibilitou a disseminação de livros durante o Renascimento. Antes dessa invenção tecnológica, os livros eram escritos manualmente e seu acesso era quase restrito a monges que os criavam como peças de arte, com temáticas quase exclusivamente religiosa. Poucos anos depois da dessa maravilhosa invenção havia prensas instaladas em boa parte da Europa e, meio século depois ,

também chegavam ao continente Americano (MANGUEL, 1997).

Tão revolucionários quanto o livro impresso de Gutemberg, os meios eletrônicos de hoje permitem trocas em tempo real, com texto, imagem e voz, pela transmissão de pequenos e grandes volumes de dados de forma quase instantânea de e para pontos diametralmente opostos geograficamente. Os hábitos de uma grande parte da população do planeta vêm se modificando drasticamente nas últimas décadas como resultado dos novos recursos que as tecnologias digitais interativas proporcionam. As gerações mais novas, agora em idade escolar, nasceram no meio dessa revolução tecnológica e convivem naturalmente com esses recursos. No âmbito educacional, em muitas escolas, monitores de vídeo e computadores convivem, há alguns anos, com lápis, cadernos e livros. Mais recentemente o uso de tablets como e-readers vem sendo incorporados como suportes para material didático em diversas instituições de ensino em todos os níveis:

As novas tecnologias de informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços neste início de século XXI, trazendo uma nova configuração, cultural, comunicacional e, conseqüentemente, política. Essa nova configuração emerge com três princípios básicos da cibercultura: liberação da emissão, conexão generalizada e reconfiguração social, cultural, econômica e política. Esses princípios vão nortear os processos de “evolução cultural” contemporâneos. Sob o prisma de uma fenomenologia do social, esse tripé (emissão, conexão, reconfiguração) tem como corolário a mudança social na vivência do espaço e do tempo (LEMOS; LÉVY, 2010 p. 44).

Em geral, os estudos sobre os impactos da tecnologia na educação partem da visão de filósofos, acadêmicos e docentes. Fala-se sobre como eles veem a forma como os novos recursos tecnológicos afetam a aprendizagem e os comportamentos do ponto de vista deles.

Pouco ou nada sabemos a respeito de como os discentes se sentem ou percebem o impacto que as já não tão novas tecnológicas digitais de comunicação têm sobre eles, enquanto estudantes que pensam e agem, em muitos casos, diferentemente de seus mestres por haver um gap geracional entre eles:

A geração que nasceu do final da década de 1980 em diante tem muitos apelidos, tais como “geração em rede”, “geração digital”, “geração instantânea” e “geração ciber”. Todas essas denominações se referem a características específicas de seu ambiente ou comportamento. “Geração da rede” é uma expressão que se refere à internet; “geração digital” (VEEN e VRAKING, 2009 p. 28).

Esses são os sujeitos que povoam hoje a sala de aula nas faculdades: esses que muitas vezes tiveram acesso a recursos de tecnologia digital que seus pais não conseguiam sequer pronunciar, quanto mais entender ou compartilhar. Conforme Veen e Vrakkin (2009 p. 27).

[...] os alunos de hoje demandam novas abordagens e métodos de ensino para que se consiga manter a atenção e a motivação na escola. Ouvimos muitos deles dizerem que os alunos dedicam atenção às coisas por um período curto de tempo, que não conseguem ouvir alguém falar por mais de cinco minutos. Os professores afirmam que as crianças não conseguem se concentrar em uma tarefa só, fazendo várias coisas paralelamente, e que esperam obter respostas instantaneamente quando fazem uma pergunta (VEEN e VRAKING, 2009 p. 27).

Os recursos tecnológicos aos que estamos nos referindo são muitos: desde a simples consulta à internet para pesquisa de assuntos ao uso de lousas digitalizadas em salas de aula modernas passando por coisas já bem menos chamativas ou glamorosas, como exibição de vídeos e filmes e os tão presentes slides de Power Point, apresentações de Prezi e similares.

Recentemente, muitas instituições de ensino incorporaram ao seu acervo de recursos o uso de aplicativos para dispositivos

móveis, já seja para a simples divulgação de informações como para suporte ao professor e ao aluno e até para estudo, como é o caso do aplicativo Plurall², utilizado por escolas como as do sistema pH de ensino no Rio de Janeiro, que serve também para monitoria online.

O uso de aplicativos de mensagens instantâneas (MI) pela internet e por dispositivos móveis em muitos âmbitos do dia a dia é fato consolidado e, como todo comportamento que surge, têm chamado a atenção da mídia e da comunidade acadêmica. Trabalhos sobre o tema vêm sendo publicados desde o advento dos primeiros recursos deste tipo – como ICQ e MSN desde final dos anos 1990 tratando do uso de MI como novo recurso de comunicação e suas implicações sociais nos ambientes de trabalho (FERNANDEZ, 2018; VOID A, NEWSTETTER W. & MYNATT E, 2002), e por jovens e adolescentes (BONEVA, 2003; FORGAS, 2004; GRINTER, 2002). O que parece não ter sido profundamente estudado ainda é seu uso nas salas de aula nas faculdades, fato este que justifica este artigo.

2 O Sistema de Ensino Plural é integrado por ações, produtos e serviços que interagem entre si, articulando os conhecimentos a serem desenvolvidos na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. A aprendizagem, neste sistema, é entendida como um processo de construção que se edifica ao longo de um percurso; se sustenta no apoio mútuo entre os membros que integram a comunidade e se caracteriza pela colaboração, interação, pertencimento ao grupo e sentimento de partilha de saberes e experiências. O Plural desenvolve sequências didáticas que, de forma articulada e contextualizada, levam o estudante a construir capacidades de análise, reflexão, elaboração e ação diante de situações-problema em todas as áreas de conhecimento: Linguagens (Língua Portuguesa e Arte), Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas (História e Geografia), a partir do estudo de temas de relevância social que interessam às crianças nas diferentes faixas etárias atendidas. O Plural considera as experiências sociais dos sujeitos como parte integrante do currículo, assumindo a realidade local e situações do cotidiano como objetos de estudo. A intenção do Plural é contribuir com a garantia do direito de aprender na escola, fazendo com que os alunos atribuam significado aos conteúdos estudados, no sentido de transformá-los em conhecimento útil para construção de capacidades e competências. Disponível em: <http://www.ensinoplural.com.br/institucional/> Acesso em: 26 mai. 2018.

A disseminação dos recursos de MI vem levando a pesquisas sobre seu impacto social, linguístico, uso nas empresas (FERNANDEZ, 2018; LIVINGSTONE, 2004), entre estudantes universitários (MESCH, 2003) e no que diz respeito às preocupações que geram para pais e educadores. As preocupações em questão se referem a implicações linguísticas, uma vez que mensagens instantâneas parecem ter seu próprio léxico, independentemente do idioma original do sujeito que as envia e recebe, com trabalhos publicados na Suécia (SEGERSTAD, 2018) Espanha (FORGAS, 2004), Estados Unidos (CRAIG, 2003) e Reino Unido (LIVINGSTONE, 2004) e implicações sociais, com trabalhos que atacam essa forma de comunicação (LIVINGSTONE, 2004) outros que a defendem e constataam que não se trata de gostar ou não, mas de entender que, como a Internet, esses recursos chegaram para ficar, evoluem e se aperfeiçoam, constante e rapidamente (BARON, 2005; ZAREMBA, R, ABREU, & NICOLACI-Da COSTA, 2000).

Em anos recentes e com o advento dos smartphones o uso do aplicativo WhatsApp se disseminou de forma a atingir quase a totalidade da população que dispõe de um telefone móvel inteligente. O seu uso parece não ter limites, servindo para trocas de mensagens em tempo real ou assíncronas entre pessoas separadas por metade do globo terrestre ou por uma parede no mesmo ambiente ou, como veremos neste estudo, dentro de um mesmo ambiente, no caso, a sala de aula.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é examinar, por meio dos resultados de uma enquête realizada online, como estudantes lidam com esse novo meio de comunicação, como, quando e por quê o utilizam em ambiente de sala de aula e como se sentem a respeito disso e, ainda, o que sugerem que os docentes façam a respeito. A seguir, um breve histórico das MI, um, detalhamento do estudo, resultados obtidos e as considerações sobre eles.

2 REFERENCIAL

Nos anos 70, para um público restrito,

já existia a possibilidade de troca de MI em terminais UNIX, usando os programas talk ou write por meio de uma conexão a um servidor central. A meados de 1980' surgiram os BBS's (Bulletin Board Systems) e seus serviços online. Qualquer um que possuísse um PC com linha telefônica e modem podia entrar em salas de Chat. Em 1996, a Mirabilis (HISTORY OF INSTANT MESSAGING, 2018) (lançou o ICQ (acrônimo de I Seek You), adquirida em 1998 pela AOL, quando se aproximava da marca de 13.000.000 de usuários (THE HISTORY OF ICQ, 2018). Nessa época, também surgiam os primeiros concorrentes. Em 2005 já existiam diversos outros programas de MI como Yahoo Messenger, Skype, AOL e Google, além do MSN Messenger que era a estrela entre o público jovem.

Desde o advento dos celulares de geração 2.5 que vieram com recursos de digitação de texto (SMS) incluídos, jovens japoneses descobriam que, mesmo em teclados alfanuméricos o prazer de teclar e trocar mensagens com amigos, algo que não tinha sido pensado pelos idealizadores do recurso. Marqueteiros das empresas de telefonia celular pegaram o gancho e facilitaram a brincadeira (ESLINGER, 2010). Com o advento dos smartphones e seus teclados virtuais "texting" – termo usado para descrever o ato de trocar mensagens de texto – tornou-se cada vez mais fácil e divertido, com a incorporação de emojis – que são descendentes dos smyles-que já faziam parte do repertório dos usuários de MSN na década passada – e são carinhas e desenhos divertidos para ilustrar sentimentos, objetos, situações e expressões.

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Participaram do presente estudo oitenta e um sujeitos, na faixa etária de 18 a 41 anos, os quais responderam a um questionário divulgado na Internet, pelo site surveymonkey. Por esse instrumento se buscou traçar o perfil de cada respondente, seus hábitos de uso de celular em sala de aula, incluindo a funcionalidade de IM – especificamente do

aplicativo WhatsApp - suas percepções e sugestões com relação ao recurso. A seguir, apresenta-se os resultados das respostas objetivas, os quais são complementados pela análise das respostas dissertativas. Sobre o perfil do público:

Tabela 1 - Faixa etária dos alunos

Opções de resposta	Respostas
18 a 21	30,86% 25
22 a 25	41,98% 34
26 a 30	11,11% 9
31 anos ou mais	16,05% 13
Total	81

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tabela 2 – Percentual de alunos no nível superior

Opções de resposta	Respostas
Sim	90,12% 73
Não	3,70% 3
Outra resposta. Por favor, explique se quiser.	6,17% 5
Total	81

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tabela 3 – Curso de graduação de origem dos alunos

Opções de resposta	Respostas
Jornalismo	9,88% 8
Publicidade	34,57% 28
Arquitetura	2,47% 2
Design	45,68% 37
Marketing	1,23% 1
Recursos humanos	1,23% 1
Outro - Especifique.	4,94% 4
Total	81

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tabela 4 – Percentual de alunos que usam o WhatsApp ou outro aplicativo de comunicação similar como ferramenta de estudo

Opções de resposta	Respostas
Sim - muito	43,21% 35
Sim - um pouco	38,27% 31
Não	18,52% 15
Total	81

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tabela 5 – Percentual de alunos que utilizam o WhatsApp , pelo menos uma vez, para fazer trabalhos em grupo

Opções de resposta	Respostas
Sim	92,59% 75
Nao	7,41% 6
Total	81

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Questão dissertativa: para trabalhar em grupo para a faculdade. A
Caso a resposta da Tabela 5 tenha sido seguir, a critério de aprofundamento, expomos
positiva, favor explicar como utiliza o WhatsApp algumas respostas.

Quadro 1 – Seleção de respostas explicitando o uso do WhatsApp como ferramenta de gestão de trabalhos acadêmicos

- Elaboramos o projeto e mantemos contato com o pessoal falando somente do assunto.
- Um grupo é criado para que possamos compartilhar das mesmas informações e nos ajudarmos.
- Cada integrante do grupo faz a sua parte do trabalho e mandamos as atualizações pelo WhatsApp .
- Para acompanhar o andamento do trabalho, divisão de tarefas.
- Organizamos todos os integrantes no grupo para troca de ideias e facilitar a comunicação.
- Levantar pontos de pensamentos; combinar horários, datas e locais; avisar prazos e envio de partes dos trabalhos para feedback do grupo etc

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tabela 6 – Uso de WhatsApp em sala de aula, por tarefas (múltipla escolha)

Opções de resposta	Respostas
Consultar palavras ou conceitos que o professor apresenta e eu não conheço	70,37% 57
Teclar no WhatsApp com amigos quando estou entediado	48,15% 39
Responder mensagens urgentes de família, trabalho ou amigos	72,84% 59
Reclamar da aula com colegas pelo WhatsApp	18,52% 15
Colar em provas	3,70% 3
Ouvir música enquanto assisto às aulas	7,41% 6
Ouvir música EM VEZ de prestar atenção à aula	1,23% 1

Não uso em aula	22,22% 18
Jogar	1,23% 1
Total de respondentes	81

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tabela 7 – Uso do celular em aula (múltipla escolha)

Opções de resposta	Respostas
Uso e considero bom	33,33% 27
Uso e me sinto culpado por usar	7,41% 6
Uso e às vezes me sinto mal por usar e outras acho q me ajuda	45,68% 37
Não uso celular em aula	20,99% 17
Por favor, justifique sua resposta.	28,40% 23
Total de respondentes	81

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A partir de temática uso de celular utilização, de forma a enriquecer a pesquisa. em aula, foi estimulado que os alunos A seguir, apresenta-se uma seleção de comentassem livremente sobre tal algumas respostas.

Quadro 2 – Seleção de respostas explicitando o uso do celular em aula

- a única coisa que torna o celular uma boa ferramenta durante a aula é o BOM SENSO.
- Dependendo da forma que for usado será benéfico para o aluno.
- No mundo cada vez mais conectado, o uso do celular acaba sendo muito importante, mas precisa-se de espaço e respeito. Acho válido o uso do celular com tanto que não atrapalhe e nem desvirtue da aula. Uma pesquisa, uma resposta rápida é diferente de conversas, ouvir música etc Uso na maioria das vezes para anotar o conteúdo a aula, hoje os celulares proporcionam um conforto e recursos melhores que carregar cadernos, anotações que se percam... é cada vez mais provável a unificação de todas as informações.
- Não é apropriado. Porque durante a aula, o aluno deve estar completamente concentrado nas explicações do professor, para garantir o seu bom desempenho na vida acadêmica.
- Não uso, mas dependendo da dinâmica da aula, acho que pode ser útil para o aprendizado, quando necessário fazer alguma pesquisa ou procurar entender algum conceito.
- Eu busco usar de forma rápida quando não é sobre o assunto abordado em aula, porém creio que muitos utilizam o celular de forma inapropriada a maior parte do tempo e considero o mesmo desrespeito com o professor.
- Se for no intuito de pesquisa ou algo relacionado ao conteúdo em que vc esteja no momento, pode ser um poderoso aliado para uma aula interativa e esclarecedora de possíveis dúvidas.
- Tem que ser proibido
- O uso do aparelho de celular é ótimo para consultas, olhar o portal e ava. Mas, ao entrar em sala com o professor dando aula, acho vacilo. Ainda mais, pq eu não consigo prestar a atenção no professor, se eu pegar o cel pra ver redes sociais. Confesso que uso, mas tenho noção, e deixo ele dele lado nas aulas.

- Acho interessante, mas é difícil manter o foco na aula as vezes.
- Depende do que está sendo passado em aula, as vezes usamos para pesquisas
- Não é certo, mas quando permitido pelo professor, é uma ótima ferramenta para estudo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas obtidas confirmaram a premissa de que a grande maioria dos estudantes usa o celular em sala de aula. O que nos pareceu surpreendente foi a porcentagem de alunos que afirmam usá-lo (também) para pesquisa e complementação do conteúdo passado pelo professor.

A questão do uso por tédio, quando os estudantes afirmam trocar mensagens com amigos, deve servir para chamar a atenção de alguns docentes que, talvez, devam mudar a forma de lecionar, uma vez que temos em mãos informações recentes e concretas da evasão da atenção desses alunos. Cabe ressaltar que nem sempre e nem tudo é de responsabilidade do docente, mas consideramos que deve ser algo a pensar, discutir e examinar com atenção. Onde há fumaça há boas chances de haver fogo... pelo menos uma faísca, e seria bom examiná-la antes que se transforme em incêndio. Outra questão importante levantada pelos alunos é que o celular pode ser usado em sala de aula como ferramenta coadjuvante ao aprendizado. Não temos resposta ao “como” fazer isso ainda, mas certamente há de se encontrar diversas formas de aproveitá-lo.

Se tornou interessante destacar, ainda, algumas respostas à pergunta sobre como cada um se sente com relação ao uso do celular em sala de aula. Dentre os 64 respondentes que utilizam o celular em sala de aula 44 sentem-se mal sempre ou por vezes por ter de fazê-lo. Isso pode ser um dado muito útil para o docente e para os pedagogos que planejam a sala de aula: o aluno se sente compelido a usar um recurso mesmo sentindo-se culpado. Ou seja: o apelo do recurso é muito forte. Por que não o usar em favor da sala de aula?

Alguns alunos relataram trocar ideias com colegas ao longo das aulas. Estamos diante

de um processo de aprendizagem coletiva e colaborativa, conforme abordado por Lemos e Lévy (2010, p. 45):

Essa aprendizagem coletiva se dá pelo princípio da colaboração em rede, princípio que rege a cibercultura em seu conjunto de práticas sociais e comunicacionais. As novas tecnologias de informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços neste início de século XXI, trazendo uma nova configuração, cultural, comunicacional e, conseqüentemente, política. Essa nova configuração emerge com três princípios básicos da cibercultura: liberação da emissão, conexão generalizada e reconfiguração social, cultural, econômica e política. Esses princípios vão nortear os processos de “evolução cultural” contemporâneos. Sob o prisma de uma fenomenologia do social, esse tripé (emissão, conexão, reconfiguração) tem como corolário a mudança social na vivência do espaço e do tempo (LEMOS; LÉVY, 2010).

Aqueles alunos que jogam e ouvem música durante a aula podem ser casos isolados – foram poucos os que afirmaram fazê-lo – mas, talvez, devamos somá-los aos que se entediam em sala de aula por (talvez) não estarem suficientemente estimulados, o que indicaria a necessidade dos docentes reverem, ao menos, parte de suas posturas e suas didáticas.

Três alunos, dentre os 81 respondentes, afirmaram usar o celular para colar em provas. Não fizemos perguntas suficientemente específicas para entendermos esse mecanismo e como evitá-lo. Trata-se de uma questão ética que supera o alcance deste trabalho, mas que não deve ser ignorado e que merece estudos futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada confirmou algumas questões que vinham sendo observadas em sala de aula: os jovens usam o celular durante as aulas, usam por diversão, por necessidade, mas, e essa foi a grande alegria ao levantarmos as respostas, o usam como suporte ao seu aprendizado.

A maioria dos respondentes mostrou-se muito consciente da importância de não se distrair em sala de aula, de usar o celular por necessidade. Há os que sugeriram a sua proibição, mas sabemos que isso não funciona. O celular veio para ficar e precisamos aprender a lidar com ele, não a tentar derrotá-lo, até porque seria uma guerra perdida.

Como qualquer tecnologia, é preciso entender os usos, recursos, alcance e penetração entre os diversos públicos dos smartphones. Como o tempo, os avanços da tecnologia são inexoráveis e, quando bem empregada, ela pode trazer benefícios e funcionar em favor de qualquer grupo social.

REFERÊNCIAS

- BARON, Naomi, Instant messaging and the future of language, **Communications of the ACM**, v. 48, n. 7, 2005. p. 29-31.
- BONEVA, Bonka S., et al. Teenage Communication in the Instant Messaging Era. **Information Technology at Home**, 2003, p. 1-36. Disponível em: < <http://www.cs.cmu.edu/~kraut/RKraut.site.files/articles/Boneva04.pdf> >. Acesso em 12 jun de 2018.
- CRAIG, David. Instant messaging: the language of youth literacy. *The Boothe Prize Essays*, 2003. Disponível: http://www.stanford.edu/group/pwr/publications/Boothe_0203/PWR%20Boothe-Craig.pdf. Acesso em 12 jun. 2018.
- ESLINGER, Tom. **Mobile Magic: The Saatchi and Saatchi Guide to Mobile Marketing and Design**. Wiley – Hoboken, 2014.
- FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. Cortez- São Paulo.2005.
- FERNANDEZ, Marcelo F. **Mensajería instantanea em Internet**: la nueva forma de comunicarse. Disponível em: <http://www.tyr.unlu.edu.ar/tyr/TYR-mi/MI-Fernandez.pdf>. Acesso em 17 jun 2018.
- FORGAS, Ruben C. & NEGRE, Jaume S. The use of new Technologies amongst minors in the Balearic Islands. In **AARE Conference “Doing the public good”**, Melbourne, 2004.
- GRINTER, Rebecca E. & PALEN, Leysia. Instant messaging in teen life, *Proceedings of the 2002 ACM conference on computer supported cooperative work New Orleans*, 2002, p. 21-30.
- HISTORY OF INSTANT MESSAGING. **How instant messagins works**. Disponível em: <https://computer.howstuffworks.com/e-mail-messaging/instant-messaging1.htm> Acesso em: 17 jun 2018.
- LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.
- LIVINGSTONE, S et al UK Children Go Online: Surverying the experiences of Young people and their parents, 2004. Disponível em: http://www.lse.ac.uk/collections/children-go-online/UKCGO_Final_report.pdf Acesso em: 15 jun de 2018.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MESCH, Gustavo & TALMUD, Ilan: **The Nature of Computer-Mediated Social Networks among Israeli Youth**. (2003). Disponível em: <http://www.hevra.haifa.ac.il/~soc/events/cn/abstracts/cmsn/cmsn3.pdf>. Acesso em: 15 jun. de 2018).
- NEUSTAEDTER, Carman. **A 3D Instant Messenger Visualization Using a Space Metaphor**. Department of Computer Science, University of Calgary, Alberta, Canada, 2001. Disponível em: <http://pages.cpsc.ucalgary>.

ca/~carman/GLabIMVis/IMVis_Paper.pdf.
Acesso em: 11 jun. de 2018.

SEGERSTAD, Ylva H & HASHEMI, Sylvana S. **Exploring the writing of children and adolescents in the information society.** Dept. of linguistics, Goteborg Univestity, Suécia, 2003. Disponível em: <http://www.ling.gu.se/~sylvana/SkrivaIT/Publikationer/SIG-Writing04Final.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2018.
THE HISTORY OF ICQ. Disponível em: <http://icq-planet.com/the-history-of-icq/> Acesso em: 11 jun. de 2018.

VEEN, Wim. VRAKKING, Ben, **Homo Zappiens:** educando na era digital.- Porto Alegre: Arrmed, 2009.

VOID A, NEWSTETTER W. & MYNATT E. When conventions collide: the tensions of instant messaging attributed. **Proceedings of the SIGCHI conference on Human factors in computing systems:** changing our world, changing ourselves, Minneapolis, 2002 p. 187-194.

ZAREMBA, R, ABREU, R.S. & NICOLACI-Da COSTA, A.M. **A escrita digital:** uma pedra no sapato da escola. Em Sociedade Brasileira de Computação (Org.), Anais do III Workshop sobre fatores.

Recebido em 18 de outubro de 2019

Aceito em 21 de maio de 2020